

ILUSTRACÃO

POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1\$000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 4.º LISBOA, 25 DE SETEMBRO DE 1884 NUMERO 13

CHRONICA DA SEMANA

SUMMARY—O nosso padroado no Oriente e a Santa Sé — O jogo — As futuras camaras legislativas.

A HISTORIA diz que fomos grandes, que fomos um povo heroico, que fomos uma das primeiras nações colonias e que levámos o pendão das quinas ás mais remotas paragens.

E effectivamente não ha nacionalidade com um passado mais glorioso do que o nosso, e talvez por isso mesmo mais avulta hoje a nossa degradação, pois outro nome não pôde ter a indiferença dos governos e dos governados perante as humilhações que estamos passando nos nossos dominios colonias.

Tinhamos no oriente o nosso padroado e essa regalia espirital custou-nos milhares de sacrificios de vidas e de dinheiro, mas era um dos flo-



CAMPONEZA DOS ARREDORES DE ROMA

rões da nossa corõa de glorias.

A Santa Sé reconheceu e sancionou por diferentes bulas e rescriptos pontificios o nosso direito, e ainda em 1857 o cardeal di Pietro, pronuncio apostolico n'esta côrte, assignou um tratado, pelo qual era mantido o exercicio do direito do padroado da corõa portugueza na India e na China, compromettendo-se o nosso governo a augmentar o numero de habeis e idoneos missionarios, que se empregassem na propagação da fé catholica n'aquellas regiões.

Pelos annexos A e B explicavam-se as condições d'esse tratado, que a curia romana parece disposta a violar com uns fundamentos, que não abonam a sua seriedade, nem tão pouco attestam o tino governativo dos homens publicos, que, desde aquella época, têm mareado a nau do estado.

Ha poucos mezes ainda, foi arrancado da cathedral de Pekin o escudo das armas portuguezas para ser substituido por outro com as armas da republica franceza.

Não nos consta que o governo exigisse uma satisfação ou trocasse uma nota diplomatica ácerca d'esse assumpto, que devia merecer-lhe attenção, porque foi um insulto feito ao nosso brio nacional e porque foi um attentado contra os nossos direitos, pois aquelle escudo representava o nosso dominio espiritual n'aquella região, dominio, que tinhamos conquistado, que era nosso e que não podia estar á mercê dos caprichos do mais forte ou da venalidade do menos escrupuloso.

Não sabemos o que pensa o actual governo ácerca d'esta importantissima questão, o que sabemos, é que a Santa Sé se entende com a republica franceza a esse respeito e que a França tomou sob a sua protecção as missões catholicas na China. O que sabemos, é que a perda da supremacia da nossa jurisdicção ecclesiastica no Oriente está imminente, e que o governo não presta attenção a esse facto, que é bem mais importante do que essas mesquinhas questões da politica domestica, com que se entretêm o espirito dos Palinuros d'esta velha nau, que vae abrindo agua por todas as cavernas e que irá a pique, se a consciencia do perigo os não acordar a horas de poderem ser calafetadas as fendas.

×

O jogo do azar está sendo uma monomania indigena.

Nas praias a roleta vive em plena luz do dia, como se tivesse fôro de cidadã e tivesse uma garantia na legislação do paiz.

Em Lisboa, em face do governo, nas barbas da auctoridade, a tavolagem vive desassombadamente em primeiros andares espaçosos, com gaz na escada e guarda portão, livre e sem receio de visitas policiaes, porque a policia finge ignorar, se não ignora effectivamente, que são prohibidas essas casas, onde os chefes de familia vão arriscar a felicidade domestica, a educação dos filhos, o pão da familia e até o proprio decoro.

Não comprehendemos esta ignorancia, este desleixo, esta tolerancia ou esta protecção official, que têm as batotas.

O negociante, o industrial, o caixeiro, o empregado publico, todos pagam a sua contribuição pelo mister que exercem.

O batoteiro não paga e recebe lucros muito superiores aos das mais rendosas industrias.

Ou se prohiba o jogo, ou consinta-se, impondo-se-lhe a contribuição respectiva.

Assim não pôde ser.

×

Ha quem affirme, que já não é em novembro que se reúnem as camaras legislativas, porque o receio do *cholera* afastará muitos paes da patria e mesmo o governo teme que a aglomeração de tantas pessoas, em tão acanhado recinto, seja propicia ao desenvolvimento do microbio.

Se o *bacylus virguloso* obstasse effectivamente á reunião das camaras, valia a pena mandar vir alguns para o Largo das Côrtes para tornar effectivo esse impedimento.

Não conhecemos utilidade alguma na reunião do nosso parlamento, apesar de elle ser, em theoria, uma das mais bellas conquistas da democracia. A pratica, porém, tem demonstrado que essa theoria é irrealisavel, porque não ha representantes do povo, ha representantes do governo ou representantes de interesses individuaes, o que quer dizer que o systema representativo cingiu-se tanto á lettra do seu qualificativo, que só representa o individuo, ou quando muito significa o egoismo partidario, se é que existem no paiz partidos politicos.

Nós não os conhecemos.

Ha ahí uns grupos com denominação propria, com chefes conhecidos, com casa alugada, a que chamam *centro*, com imprensa sua, finalmente com todas as formalidades externas de partido. Mas os sujeitos, que compõe essas collectividades, vivem unicamente para a satisfação pessoal da sua vaidade ou dos seus interesses, sem lhes importar a prosperidade da patria, nem a felicidade commum.

Não se distinguem pela denominação das escolas ou pela differença de principios; descreminam-se por estas duas palavras—governo ou opposição—quer dizer: quando um sobe o outro tracta de o derribar com a mesma serie de argumentos e de epithetos affrontosos, com que foi apeado do poder.

Em tudo o mais têm as mesmas doutrinas e lêem pela mesma cartilha.

É por isso que achamos dispensavel a reunião do parlamento, justificadissimos os receios do governo e os sustos dos sabios legisladores, a maior parte dos quaes, como Cincinato, têm de trocar os labores agricolas pelas fastidientas e estereis luctas parlamentares.



DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa uma camponeza dos arrabaldes de Roma, o typo característico da raça latina.

Como se vê, as linhas da physionomia são bellas e puras e tão correctas, que muitos individuos de ambos os sexos abandonam o solo natal para virem a Paris servir de modelo nos grandes *ateliers* dos pintores mais celebres d'aquella cidade.

Só nas proximidades de Roma se encontram aquellas formosas cabeças e aquelles admiraveis perfis, porque, no resto da moderna Italia, de balde se procuraríam, tão notavelmente se acham alterados, não só pelo crusamento com diferentes raças, como pelas condições especiaes, que têm contribuido para uma modificação completa do primitivo typo d'aquella raça.

×

A segunda gravura representa um grupo de aldeões andaluzes.

A Andaluzia é uma das mais ricas provincias de Hespanha e de certo aquella, em que é mais acentuada a virilidade do sexo feio e a formosura do sexo fraco.

O typo da andaluza é tão conhecido, que quasi escusado é descrevel-o.

Morena, em geral, cabellos escuros e setinosos, olhos grandes, pretos e vivos, nariz bem desenhado, bocca graciosa e bem talhada, dentes tão brancos que deslumbram, mais baixa do que alta, elegante, desembaraçada e *salerosa*, a andaluza é sempre uma mulher distincta entre todas as que tenham presumpção de ser formosas.

O amor é o grande, o unico objectivo da hespanhola. Ama com paixão, com constancia, com exagero até, porque o ciúme é companheiro quasi certo do seu affecto.

E este é o caracter da mulher d'aquella nação, quer ella seja aldeã, quer pertença á classe media, ou á mais alta gerarchia social, porque sente girar-lhe nas veias o sangue buliçoso dos celtas, seus avós.

A gravura que offerecemos aos nossos leitores foi feita sobre uma photographia, em que ficou bem accentuado o typo d'essas galantes aldeãs, que se encontram nas extensas campinas da Andaluzia, com os seus fatos garridos e com os seus graciosos requiebrs.

×

Os habitantes da Nova-Caledonia pertencem

ao ramo dos negros oceanicos. Esta ilha, perdida no meio do Oceano equinoxial, é uma possessão franceza e attraheu muito a attenção publica depois que serviu de presidio aos insurgentes e incendiarios, presos em Paris e condemnados pelos conselhos de guerra, depois da *batalha dos sete dias*, em junho de 1871.

Os indigenas da Nova-Caledonia têm a pelle negra, os cabellos pretos, o nariz largo e achatado, a conjunctiva ocular injectada, os labios grossos, a bocca grande, a fronte quasi vertical, estreita e convexa, a cabeça achatada dos lados, principalmente na região temporal. A estatura não é muito elevada, mas são bem proporcionados, tendo, geralmente, um grande desenvolvimento thoraxico e muscular.

Os homens são muito feios e as mulheres ainda mais.

Imaginem que ellas usam o cabello rapado, e os lobulos da orelha horriavelmente furados ou retalhados, o que lhes dá um aspecto repellente.

Os Néo-Caledonios são ageis e valentes, e comem de uma maneira assombrosa.

Como a ilha lhes não fornece quadrupedes alguns, de que possam utilizar a carne, sustentam-se de alimentos vegetaes sacarinos ou feculentos.

×

A ultima gravura representa o chefe de uma tribu de Esquimaus.

O dr. Hayes, no seu livro — *Voyage à la mer libre du pôle arctique* — publicado em 1866, descreve assim o typo dos Esquimaus:

Cara larga, maxillas fortes, maçãs do rosto salientes, testa estreita, olhos pequenos e muito pretos, labios delgados e compridos, com duas ordens de dentes são, uma cabelleira preta, barba no labio superior e por baixo do queixo, estatura pequena e um esqueleto forte, taes são os caracteres d'estes povões do extremo Norte.

O vestuario é aproximadamente o mesmo para os dois sexos; um par de botas, meias, calças, uma jaqueta e um sobretudo. As botas são feitas de pelle de phoca, as calças de pelle de urso, as meias de pelle de cão, a jaqueta de pelles de aves com as pennas para o lado exterior.

Usam tambem sobretudos de pelle de raposa azul, os quaes se vestem como uma camisa e terminam por um capuz, igual aos dos habitos dos frades.

A caça á phoca é a grande occupação dos Esquimaus. A phoca é o animal providencial para os infelizes habitantes das costas do occa-

no glacial da America, como a renna é um recurso providencial para os Lapões.

A caça aos ovos das aves aquaticas é o segundo recurso alimenticio d'estes povos.

Os Esquimaus correm todos os perigos para irem apanhar os ovos sobre os vertices escarpados, em que as aves aquaticas os vão pôr.

Os Esquimaus são perfeitamente ignorantes e não sabem sequer precisar uma data, motivo porque até ignoram a idade que têm.

MINIATURAS

ARIOSTO

Il divin Ludovico, il gran Torquato.
FRUGONI.

LUIZ ARIOSTO, celebre poeta italiano, nasceu em Reggio, de uma familia nobre, em 1474. Seu pai, membro do tribunal de Ferrara, destinava-o para o Direito; porém, depois de cinco annos de estudo, Ariosto abandonou esta sciên-



ALDEÕES ANDALUZES

cia para se dedicar á poesia de que devia ser um dos cultores mais distinctos.

O seu prodigioso talento manifesta-se em muitas poesias de rara elegancia, escriptas em latim e em italiano — e sobretudo no *Orlando furioso*, poema eminentemente original, publicado pela primeira vez em 1516.

O primoroso poeta escreveu tambem comedias, satyras, sonetos, balladas, canções e mardrigaes.

Muitos escriptores notaveis, como Metastasio, Frugoni e Tiraboschi, têm feito o paralelo entre

Torquato Tasso e Ariosto, dando uns a primazia ao immortal cantor da *Gerusalemme liberata*, e outros ao inspirado auctor do *Orlando furioso*.

Ariosto morreu em 1533.

JOSÉ PESSANHA.

CARTEIRA UTIL

OFRIO é o mais cruel inimigo das creanças delicadas, dos velhos debeis e de todas as pessoas, que têm disposição para as inflamações da mucosa respiratoria.

Como vamos entrar na quadra, em que entre nós o frio se faz sentir intensamente, vamos dar algumas indicações, não só para prevenir as bronchites, como para cural-as, no caso d'ellas apparecerem, apesar de todos os resguardos.

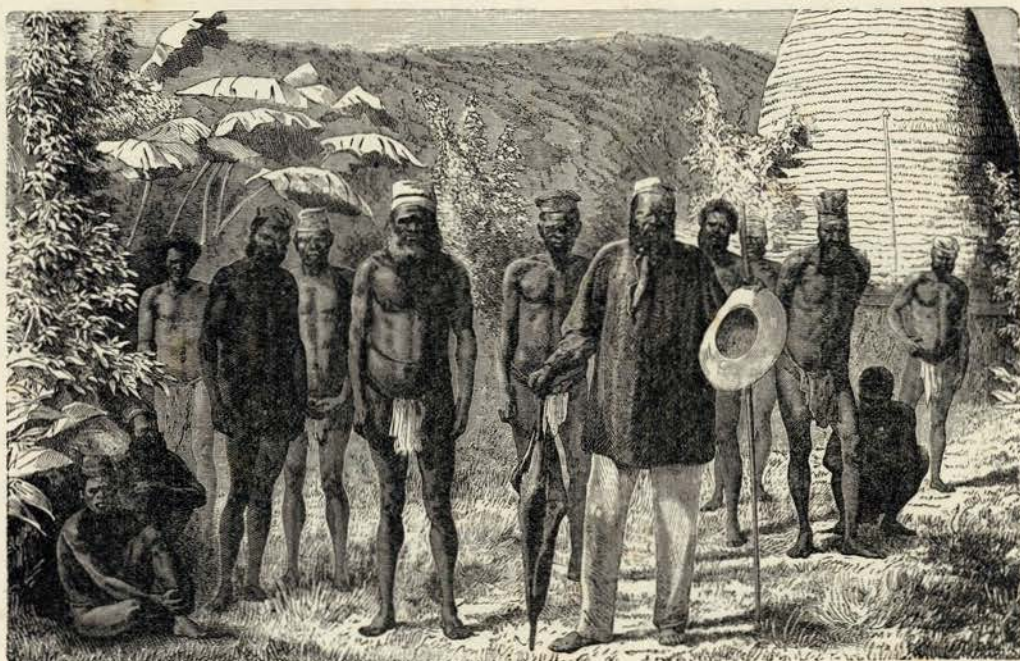
No inverno os velhos e as creanças devem usar fato de flanela e evitar quanto possivel a atmospherá humida ou saturada de poeiras irritantes.

Os principaes symptomas da bronchite são:

a inflammação das fossas nazaes, que passa ao conducto aereo, occasionando, após uma corysa mais ou menos intensa, picadas, calor na garganta, tosse secca e penivel a principio, depois facil pela expectoração de escarros incolores ou amarellados.

A tosse, então, é humida e o catarrho está *cosido* e a ligeira febre, que podia acompanhar os primeiros symptomas, cessa de todo.

Apesar, porém, da benignidade da maior



INDIGENAS NÉO-CALEDONIOS

parte das bronchites, não devemos desprezal-as e antes devemos procurar debelal-as com os xaropes peitoraes, que caseiramente são usados, sendo preferiveis os de codeina, louro-cereja, toulou e acido thymico.

É tambem útil, ás comidas, misturar no vinho a agua de alcatrão e ás noites tomar um caldo de galinha com uma colher de rhum velho ou de kirsch.

Pela madrugada um copo de leite com um calix de bom cognac será muito proveitoso e é de presumir que com estas simplicimas indicações as bronchites desapareçam em quinze dias ou trez semanas, que é o periodo uzual para a

evolução completa d'estes incommodos, que descurados, podem motivar serias complicações, que ponham em risco a vida dos enfermos.

A bronchite capilar, a emphysema pulmonar, o edema pulmonar, a bronchite chronica e a dilatação dos bronchios, são quasi sempre a consequencia de constipações despresadas, de bronchites simples, de que se não fez caso.

O agasalho é pois uma condição necessaria para evitar as bronchites e o uso dos meios therapeuticos, acima expostos, absolutamente indispensavel, no caso d'ellas apparecerem, e é conveniente applical-os immediatamente.

ALBUM

ULTIMA RATIO

Viver é arrastar dura sentença,
que Jehovah proferiu á humanidade;
viver é supportar uma anciedade
e batalhar entre a razão e a crença.

Perdida a fé, a cathedral immensa
onde se adora a vaga idealidade,
a vida não é mais que realidade,
da vil materia a força mais intensa.

Alma! sopro divino! o que serás?
Eu mesmo quem serei? sou Satanaz?
Homo! fatal enigma creado!

Em vão cogito a fundo este mysterio...
mas creio que no vasto cemiterio
dos vermes hei-de ser só disputado.

MANOEL FLORES.

SEÇÃO HISTORICA

HISTORIA DE PARIS

Resumo da historia e desenvolvimento da capital de França desde os tempos
mais remotos ate aos nossos dias

VERSÃO DO FRANCEZ DE ROGERIO DE VILLAMAIOR

II

Paris no tempo dos Merovingios

CLOVIS, rei dos Francos e vencedor dos romanos, fixou a sede do seu imperio em Paris. A cidade começava a tornar-se activa e popular. A praça do commercio, cercada de casas, onde habitavam negociantes, era situada entre a igreja cathedral e o palacio; nas duas margens do Sena elevavam-se habitações consideraveis, encerradas, não n'um recinto fortificado, mas n'uma paliçada; Childeberto fundou a abbadia de S. Vicente e Santa Cruz, depois chamada S. Germano-dos-Prados; Chilperico construiu a que agora tem o nome de S. Germano l'Auxerrois; Dagoberto construiu a abbadia de S. Diniz, cuja igreja cobriu com laminas de prata.

Chilperico deixou lembranças terriveis aos habitantes de Paris.

Tendo casado sua filha com um rei dos Wisigodos, quiz fazer-lhe um magnifico cortejo, que acompanharia a princeza até Hespanha e ahí ficaria. Mandou prender muitas familias parisienses, que amarrou a carretas e poz sob boa guarda. Muitos d'estes desgraçados estrangula-

ram-se, outros fizeram testamento e pediram que o abrissem, logo que a filha do rei entrasse em Hespanha, porque se consideravam como mortos.¹ A consternação foi tal que se podia comparar á do Egypto.

Chilperico merecia ser chamado o Nero do seu tempo por ter auctorisado os crimes de sua mulher Fredegonda.

Durante os reinados sanguinolentos que se seguiram á partilha dos Estados de Clotario I, Paris recebeu poucos augmentos. Um incendio (586) reduziu a cinzas uma grande parte da *Cité*. Depois succederam-se as pestes, as fomes, as inundações e as guerras civis.

O bispo de Paris, S. Landri, vendeu os moveis e os vasos preciosos da sua egreja para dar de comer aos pobres, expostos aos horrores da fome em 650. S. Germano, um dos seus predecessores usou do mesmo meio para remediar os desastres das guerras civis. Diz-se que S. Landri, foi quem fundou o Hospital Geral (Hotel-Dieu) primeiramente chamado hospital de S. Christovão.

Nenhum acontecimento digno de menção succedeu no setimo seculo. Os ultimos Merovingios não habitavam ordinariamente em Paris.

REVISTA DOS THEATROS

A APPROXIMAÇÃO do inverno começa de sentir-se na vida nocturna de Lisboa.

As noites seriam fastidiosas se os theatros não abrissem as suas portas aos felizes, que gostam de mostrar-se em camarote de primeira ordem, ou aos amadores que vão admirar os prodigios da arte na interpretação, ás vezes bem difficil, do drama e da comedia.

O theatro de D. Maria fez a sua estreia na presente época com a *réprise* da *Fedora*.

A critica da peça e do desempenho está já feita pelos chronistas do jornalismo, e escusado será repetir que a companhia do theatro normal sustenta briosamente a reputação, que soube conquistar, e tem na sua collectividade todos os elementos para continuar a attrahir o publico e

¹ O autor não nos diz, mas é muito provavel, que todas as pessoas, que formavam o tal cortejo, ficassem sendo consideradas escravas. Talvez o leitor se admire, mas n'esses tempos, em que a vontade do autocrata era tudo, passava a escravatura branca por ser uma cousa muito natural. Ainda eram vestigios do imperio romano.

NOTA DO TRADUCTOR.

a merecer a consagração e os applausos devidos á realza do genio e aos principes da arte.

O theatro dos Recreios iniciou tambem os seus espectaculos e tendo, como tem, a dirigil-o um homem tão competente como é Salvador Marques, não será temeridade afirmar, que nem faltará concorrência, nem escacearão ovações aos artistas, que a allí trabalham, alguns dos quaes são já vantajosamente conhecidos e estimados pelo publico.

A Trindade, o unico theatro de opera comica da capital, tem os seus *habitués* e os seus amadores predilectos. A companhia que allí funciona, apesar da sua estabilidade, porque é sempre o mesmo Portugal, o mesmo Queiroz, o mesmo Leoni, a mesma Florinda, a mesma Anna Pereira, não se torna fastidiosa e pelo contrario tem o condão especial de se tornar cada vez mais *sympathica* e desejada.

O Gymnasio conseguiu agremiar uma *troupe* distincta e talentosa e promete um selecto reportorio das mais finas comédias, que hão de ter, decerto, uma interpretação condigna.

Ao passo que formos assistindo aos espectaculos d'esses theatros, iremos dando conta aos nossos leitores das impressões recebidas, sem pretensões a criticos de auctores e de actores, porque confessamos a nossa incompetencia e reconhecemos as difficuldades d'essa difficilima litteratura, que tem muitos cultores, mas raras notabilidades.

A índole d'esta publicação dispensa-nos, porém, d'essas responsabilidades, que mais pertencem aos jornaes especialmente litterarios.

Limitar-nos-hemos a manifestar a nossa opinião com a lealdade de quem vive longe dos camarins e não toma *encommendas de réclames*.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

Não. O duque é um homem muito bem educado e de maneiras distinctas.

— Mas então qual é o motivo do duello?

— É o quarto volume de um romance, do qual fizemos em commum o primeiro capitulo, ha seis annos.

— Não o comprehendo.

— Isto quer dizer, meu caro, que é a quarta vez que nos vamos bater.

— E qual foi o resultado das tres primeiras?

— O eu receber tres feridas.

— O senhor?

— Se quer, eu mostro-lhe as cicatrizes para o convencer.

— Isso é impossivel!

— Porque?

— Mas... se isso fosse certo, o duque então era o diabo, não era homem, porque eu não conheço nenhum jogador de florete da sua força, nem com um sangue frio, como o seu.

— O que lhe posso assegurar é que todos esses privilegios não impediram que eu fosse ferido.

— Então, repito, esse homem é o diabo.

— Isso é possivel, mas é um diabo bem educado.

— E a marquezia? É por causa d'ella que tem havido esses duellos?

— Que diz, Roberto! Bater-se um homem por causa d'uma mulher é atirar a reputação d'essa mulher á maledicencia dos estupidos e dos mal intencionados! O duque de Sandoval e eu batemo-nos tres vezes e bater-nos-hemos amanhã ainda outra por um motivo muito grave e muito sério, completamente estranho á marquezia.

— Que motivo é esse então?

— Eu sustento que as laranjas de Malta são melhores do que as de Alicante. Alicante é a sua terra natal, Malta é uma possessão ingleza, já vê que é uma questão de rivalidade nacional. Elle tomou o partido dos productos hespanhoes...

— Está a caçar commigo!

— Não, estou a fallar seriamente.

— Sir Williams, serei seu padrinho.

— Ora bem! Eu contava com isso.

— Mas o sr. deve dizer-me a verdade.

— Quem o duvida?

— O sr. contou-me uma historia do outro mundo!

— Palavra de honra que lhe dou razão, porque effectivamente foi na America do Sul que teve começo a pendencia.

— Sir Williams!

— Meu caro, o corpo de baile acaba de sair da scena, prestemos, pois, agora attenção.

VI

A saída

Quando caiu o panno sobre as trez chamadas feitas a Gaymard pela plateia enthusiasmada,



CHEFE D'UMA TRIBU D'ESQUIMAUS

PASSATEMPO

ENIGMA

Consta só de vogaes cinco
E se ás avessas as lêmos
A mesma palavra temos
Sendo p'rá creança um brinco.

Porto.

HYMNEU DOGAL.

LOGOGRIPHO

Talvez possa esta mulher—1—5—6
N'estas o seu nome lêr—4—5—1
Pois que também é mulher
Se mais um signal pozer—2—6—3.
Conceito não deve tel-o
Logogrifho tão singelo.

MARCO.

sir Williams pegou no braço do seu amigo e ambos sahiram para o vestibulo do theatro.

Logo que alli chegaram, um lacao de uma estatura collossal e vestido com uma d'essas librés sumptuosas, que não vão pedir á phantasia as suas côres, mas obedecem á hiraldica, usando-as, destacou-se de um grupo de criados e sahiu, tornando a apparecer immediatamente, de chapeu na' mão e inclinando-se diante de sir Williams, sem pronunciar uma palavra.

Williams e Roberto seguiram-o.

O lacao adiantou-se para abrir a portinhola armoreada de um elegante coupé e os dois amigos saltaram ligeiramente para dentro.

O coupé ficou parado por alguns minutos, obrigado pela fila de carruagens que o precediam.

Logo ao pé estava outro coupé com uma magnifica parelha e um criado postado á portinhola.

—Eis a marquezza, disse vivamente Roberto, inclinando-se um pouco para admirar Regina, que apoiada no braço do cunhado descia os degraus do vestibulo.

—Larga, Mauricio! disse sir Williams com impaciencia, dirigindo-se ao cocheiro.

—O obstaculo acabava de desaparecer e o cocheiro dando de mão á parelha, partiu.

(Continúa.)

CHARADA

Muitos pombos no telhado—2
Appellido pouco usado—2
Pelo bosque vaes passar
Cautella... não ha luar.

P. A.

CHARADAS NOVISSIMAS

Não é boa n'esta cidade uma corda—1—2.

HYMNEU DOGAL.

Vi esta mulher ao lume d'agua e no telhado—2—2.

B. P.

Explicação do passatempo do numero antecedente:
Charada, Lado.

Charadas novissimas, *Ébrio, Enxovia, Domínó, Ema.*

Resolução do problema—99 $\frac{9}{9}$